

Iphan de olho nas cercas

DF - Brasília

Instituto pretende multar, até abril, prédios do Plano que cercam os pilotis

01 MAR 2004

GUSTAVO IGREJA

Elas são um transtorno para quem passa. As grades e cercas vivas em volta dos prédios do Plano Piloto incomodam transeuntes e defensores do projeto urbanístico que deu forma à cidade. E estão na mira do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que promete começar a multar, até abril, com base no desrespeito ao projeto arquitetônico da cidade, todos os edifícios que cercarem pilotis dos prédios e tornarem particular uma área essencialmente pública.

Quando foram projetados, os edifícios residenciais de Brasília tinham como conceito muito mais do que servirem de abrigo. Precisavam ser belos, práticos, manter o ar bucólico e permitir aos brasi-

lienses que caminhassem por eles e pelas áreas verdes que os cercam como se estivessem num campo, com espaço e liberdade para ir e vir. Por isso foram erguidos sobre pilotis. Para permitir a circulação de pedestres na parte inferior e dar sentido ao conceito de cidade-parque que se pretendia para a nova capital.

Uma missão ignorada sem cerimônia pelas futuras gerações, na opinião de Cláudio Queiroz, superintendente regional do Iphan. Ele acredita que o conceito de liberdade e de parque do Plano Piloto, intimamente ligado à livre circulação dos brasilienses, está sendo ignorado pelos condomínios que se cercam.

– É a descaracterização do plano original da cidade. Mesmo não estando em harmonia com o projeto inicial,

os jardins em volta dos prédios são um direito dos moradores, desde que não restrinjam a circulação. Mas cercas e grades com essa finalidade são um absurdo que iremos combater – promete.

Na 109 Sul, por exemplo, onde a maior parte dos prédios foi erguido em nível mais alto que o do solo da quadra, as grades foram adotadas em praticamente todos os edifícios como medida de segurança. O síndico do bloco A, Ricardo Alves, diz que a proteção evita acidentes.

– O prédio está mais de dois metros mais alto que o chão da quadra. Essa é a razão da grade – avalia.

Mas a grade não cerca só a parte alta do bloco. E, mesmo nos edifícios da quadra em que o desnível não ocorre ou é bem baixo, houve apropria-

ção da área pública. No Bloco C, a fachada do prédio é separada da área verde por uma cerca viva de dois metros de altura, que impede a livre circulação dos através do pilotis. No bloco D, cerca viva e grade fazem a separação.

Proprietário de um apartamento na quadra, Mário Alberto Vale, 57 anos, garante que preferiria os prédios da maneira como foram concebidos. Mas defende a aplicação das cercas como forma de proteção dos moradores e garantia de mais privacidade e tranquilidade.

– Nas quadras cujas comerciais são muito movimentadas, por exemplo, é comum os moradores ficarem sem vaga para os veículos, pois os estacionamentos são lotados por carros de clientes das lojas. As cercas vivas ajudam a diminuir essa procura – justifica.

Defensor incondicional do projeto urbanístico original, Cláudio Queiroz ressalta, no entanto, que grades e cercas vivas podem funcionar exatamente ao contrário do que esperam os moradores, aumentando as chances de que sejam expostos a situações de risco.

– As cercas vivas, especialmente, facilitam muito a ação de bandidos, dando a eles chance de se esconderem e pegarem desprevenidas as vítimas. Além disso, as duas barreiras dificultam a evacuação do prédio em caso de sinistro, como um incêndio. Vamos fazer uma campanha educativa para alertar a população sobre isso – argumenta. O valor das multas, segundo o superintendente, não está definido. Mas adianta que não será baixo.



ABUSO O Bloco A da 111 Sul colocou cerca viva na parte de trás, impedindo passagem de pessoas

gustavo.igreja@jb.com.br